



## O corpo acontecimento: as narrativas policiais ou de violência nos cadernos impressos paraenses<sup>1</sup>

Nathan Nguangu KABUENGE<sup>2</sup>

Alana da silva de MENEZES<sup>3</sup>

João de Jesus dos Santos LOUREIRO<sup>4</sup>

Kristopher-Jon Peter SAMUEL<sup>5</sup>

Alda Cristina Silva da COSTA<sup>6</sup>

Universidade Federal do Pará, Belém, PA.

### RESUMO

O presente artigo parte da reflexão que o corpo do acusado é o eixo principal na construção das narrativas de violência nos cadernos de polícia dos jornais impressos do Pará por apresentarem critérios de “valor notícia”, ou seja, as marcas de violência que sustentam os objetivos mercadológico e ideológico dos veículos aqui trabalhados. O corpo do acusado torna-se, assim, um “corpo acontecimento” sobre o qual se constrói toda a narrativa a cerca da violência. Fator esse que vai implicar num tratamento sensacionalista da notícia nas editoriais de polícia colocando-a como “faits-divers”. Na construção desta pesquisa, selecionamos dezoito edições, sendo seis de cada um dos jornais Diário do Pará, O Liberal, ano de 2012, e Amazônia Jornal, ano de 2013, analisando as narrativas policiais no enquadramento da violência. Como metodologia de análise, recorreremos às narrativas de Luiz Gonzaga Motta.

**Palavras chave:** corpo acontecimento; jornais impressos paraenses; narrativas policiais.

### Introdução

O corpo no projeto de pesquisa “Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia paraense”<sup>7</sup> se constitui numa das categorias demarcadas como importantes na construção das narrativas policiais. A partir das análises e mapeamentos efetuados em dezoito edições, sendo seis de cada um dos jornais paraenses, *Diário do Pará*<sup>8</sup>, *O*

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015

<sup>2</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: [nathannguangu@yahoo.fr](mailto:nathannguangu@yahoo.fr)

<sup>3</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: [alanamenezes2@hotmail.com](mailto:alanamenezes2@hotmail.com)

<sup>4</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: [joao\\_loureirof@hotmail.com](mailto:joao_loureirof@hotmail.com)

<sup>5</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: [kristopher.samuel@hotmail.com](mailto:kristopher.samuel@hotmail.com)

<sup>6</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará; professora do curso de Comunicação Social e coordenadora do projeto de pesquisa Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense, parceria entre UFPA/CNPq. E-mail: [aldacristinacosta@gmail.com](mailto:aldacristinacosta@gmail.com)

<sup>7</sup> O projeto de pesquisa “Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense”, está sendo realizado em parceria entre UFPA/CNPq desde 2012. O projeto encontra-se na sua última etapa, sendo sua primeira, o mapeamento dos três jornais impressos paraense Diário do Pará, O Liberal e Amazônia Jornal.

<sup>8</sup> O Diário do Pará, pertence à Rede Brasil Amazônia de Comunicação (RBA), da família Barbalho.



*Liberal e Amazônia Jornal*<sup>9</sup> constatamos que o corpo é considerado como um meio de comunicação e objeto de atração que facilita a venda de outros produtos. Ou seja, o acusado é um personagem principal nos cadernos polícia dos impressos paraenses por apresentar um ‘corpo acontecimento’ sobre o qual se constrói toda a narrativa sobre a violência. Entendemos que o corpo acontecimento é um corpo marcado de violência: sangue, feridas, balas, bandido, assaltante, marginal, canalha, entre outros elementos.

Corpo acontecimento é um corpo em que a hegemonia da violência inscreve suas marcas para se corporificar, conforme pode ser observado na materialização da hegemonia do poder no corpo de Damians, em *Vigiar e punir* de Michel Foucault (1975).

Nas análises, recorremos às narrativas de Motta (2005). Segundo o autor, mesmo sendo espontâneo e intuitivo, o discurso da mídia, não é aleatório, ele acontece pragmaticamente no contexto comunicacional que produz certos efeitos de sentido. Isto é, as narrativas da mídia não são só uma representação imparcial e objetiva da realidade, mas, também uma força que organiza ações em função do contexto cultural.

Discursivamente, o corpo é enunciado de três maneiras diferentes nos jornais impressos paraenses: corpo da sedução, corpo da violência e corpo da paixão. Esses corpos ganham visibilidade na medida em que os veículos selecionam o que será manchete nas suas capas. Por exemplo, no *Amazônia Jornal*, os três tipos de corpos ganham o mesmo espaço na primeira página, ou seja, servem como manchetes de atração do público leitor, misturando a informação e entretenimento. Esses corpos são; o corpo da sedução, denominado pelas mulheres seminuas que vêm estampadas; o corpo da paixão, dos atletas de futebol e corpo da violência, o corpo sem vida marcado pela violência sofrida ou cometida.

No *Diário do Pará*, o corpo da violência é o que determina a construção da narrativa policial. O veículo prioriza nas suas publicações corpos que apresentam elementos de violência. Já o jornal *O Liberal* apresenta um corpo que cometeu a violência, isto é, destaca as pessoas envolvidas nos atos criminosos.

Essa tríade corporal apresentada nos jornais forma um único sentido do corpo como meio de comunicação, que conjuga elementos de sedução e atração.

Percebemos assim, que a seleção ou diagramação dada ao corpo pelos jornais nas suas narrativas policiais, determinam o tratamento da violência de forma

---

<sup>9</sup> Os jornais *O Liberal* e *Amazônia Jornal* circulam em Belém e a maior parte do Pará, e pertencem a empresa Organizações Romulo Maiorana (ORM).



sensacionalista e como “faits-divers”<sup>10</sup>, deixando de ser um assunto complexo de segurança pública no Estado do Pará, ou seja, tornando-se sensacionalismo não para entreter, mas para alcançar objetivos mercadológicos e políticos.

É neste sentido que este artigo, através dos procedimentos propostos por Luiz Gonzaga Motta (2005) sobre a pragmática da narrativa jornalística, analisa o corpo do acusado como eixo principal na construção dessas narrativas de violência nos cadernos polícia dos jornais impressos paraenses, apresentando-os como critério de “valor notícia”: marca de violência que sustenta seus objetivos.

### **As narrativas policiais ou de violência**

Nas suas construções narrativas, os jornais paraenses fazem questão de ressaltar elementos hiperbólicos, através dos dispositivos linguísticos ou extralinguísticos, através da diagramação gráfica ou das técnicas modernas de tratamento das fotos como ressaltou Bakhtin (1987) no corpo grotesco presente na obra de Rabelais.

[...] Corpo despedaçado, órgãos destacados do corpo [...], intestinos e tripas, bocas escancaradas, absorção, deglutição, beber e comer, necessidades naturais, excrementos e urina, morte, [...] a imagem grotesca do corpo, nitidamente fundamentada, reside igualmente na base do fundo humano dos gestos familiares e injuriosos [...] os corpos são queimados no fogo, mutilados, esquartejados, corados em pedaços, etc. (BAKHTIN, 1987, p. 279-282-304).

A descrição grotesca do corpo em Bakhtin pode se resumir na afirmação de Motta (2002, p. 71) de que “vemos expressões culturais semibárbaras, a miséria, a fome, o desespero, a tragédia humana, a violência rude, o exótico, o estranho, o inexplicável, o grotesco, (...) grupos marginais, etc.”.

Ao narrar diariamente os dramas e tragédias da sociedade paraense através do corpo grotesco do acusado estetizado nos cadernos polícia, os jornais paraenses buscam atingir através das emoções que essas cenas causam, certos sentidos nos leitores, principalmente com relação suas linhas editoriais que vão abranger o campo mercadológico e político.

---

<sup>10</sup> Cumpre fazer uma ressalva aqui. Segundo Albuquerque (2000, p.4) o fait divers são “tais notícias referentes a eventos bizarros, imprevisíveis, extraordinários, dão conta dos aspectos inexplicáveis da nossa existência e retiram o seu poder de atração do fato de proporcionarem acesso a fenômenos perturbadores a uma distância segura visto que, devido à sua excepcionalidade mesma, não estamos envolvidos neles.



[a] violência é tratada como espetáculo, ou seja, as imagens captadas objetivam atingir o ‘sensacional’ e ‘prender’ a atenção da audiência [pois, em relação a] violência, percebe-se que há uma atenção maior por parte da audiência, [testemunhando por aumento de] número de matérias nesse campo (...) nos últimos anos. (COSTA, A. C. S., 2010, P. 284).

A marca de violência apresentada pode ser material: corpo sem vida no chão, corpo com sangue, corpo crivado de balas, corpo com feridas, etc. (veja no anexo I) ou simbólica: materializada por expressões tais como “bandido”, “marginal”, “traficante”, “assaltante”, “assassino”, “apelido”, entre outros nas manchetes.

O jornalismo como campo que, como outros campos de conhecimento, constrói sentidos na sociedade e apresenta-se como o único dono da verdade para a sociedade, o faz através dos dispositivos e estratégias comunicacionais (MOTTA, 2004). Motta parte do raciocínio hipotético-dedutivo sobre a distinção formal do estilo jornalístico e levanta ainda algumas perguntas sobre como o jornalismo conta suas histórias, como influencia a imaginação e constrói sentidos nos leitores e ouvintes.

[...] se concluirmos que o jornalismo é narrativa, como ele configura e nos conta as suas histórias? Como estimula e projeta a imaginação dos leitores e ouvintes? Como constrói significações? [...] a hipótese que nos guia é um paradoxo: o jornalismo não é ficção, mas é narrativa; como narrativa, pode ser interpretado como ficção. (MOTTA, 2004, p. 2)

Paradoxo na medida em que a hipótese contradiz a concepção racionalista e clássica do jornalismo considerado como campo que, só através da objetividade e imparcialidade, cumpre seu papel público de dizer a verdade à sociedade.

Alsina (2009) afirma que os jornalistas são como todo mundo, construtores da realidade ao seu redor; mas, também conferem estilo narrativo a essa realidade, divulgando-a e tornando-a uma realidade pública sobre o cotidiano. Ou, em Albuquerque (2000, p. 5) que constatou:

O ideal da objetividade aproximaria os jornalistas do conhecimento científico. Diferentemente dos cientistas, (...) os jornalistas não dispõem de treinamento especializado, de métodos padronizados para analisar o objeto da sua investigação, ou de uma terminologia própria para transmitir seu conhecimento. Ao invés disso, eles precisam contar histórias para constituir sentido acerca dos eventos que narram (...). Na prática, (...), a adoção do ideal da objetividade pelos jornalistas implica no privilégio de determinados recursos narrativos sobre outros: o uso de uma perspectiva em terceira pessoa, a estrutura de pirâmide invertida das notícias, a separação das hard news da



opinião e das notícias de interesse humano, o texto pouco adjetivado, etc. assinalam o privilégio de metáforas referentes ao universo da ciência antes que da literatura.

Em Motta (2004), as narrativas são dispositivos argumentativos que utilizamos em nossos jogos de linguagem [isto é, a narrativa] conciliando o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo em relatos. Dessa forma, seria possível compreender a maioria das coisas do mundo.

Partindo da área da linguística e da psicologia, Motta escreve que as narrativas midiáticas podem ser fáticas ou fictícias e se constroem através de estratégias comunicativas, com a finalidade de realizar certas intenções e objetivos. Ou seja, as narrativas midiáticas não são apenas representações da realidade, mas uma forma de organizar nossas ações em função de estratégias culturais em contexto. Contexto este, que Adriano Rodrigues identifica:

[...] está para a situação como a forma para o fundo, [...] é em virtude do fundo realizado pela situação, do horizonte ou do ponto de fuga a partir do qual se perspectiva a compreensão da obra, que as materialidades, que formam com ela um conjunto de manifestações permutáveis e comutáveis, são percebidas e adquirem o estatuto significante. (RODRIGUES, 1990, p. 133-134).

Todo ato de comunicação sempre se realiza numa situação que depende do espaço e do tempo, das interações intersubjetivas dos que estão envolvidos no processo comunicacional, tributário dos valores prévios do local da comunicação. Ou melhor, todo ato de comunicação é um ato intencional e direcionado que depende da intersubjetividade dos atores implicados. Neste sentido, a narrativa jornalística, como fala que nasce na sociedade, interpretando Vera França (1998), depende também do contexto em que foi proferida. Para interpretá-la, precisa considerar as condições da sua produção, circulação e recepção.

Neste sentido, percebemos através das matérias produzidas nas narrativas policiais ou de violência, a presença de uma ‘economia do medo’, em que os impressos paraenses realizam através da violência estetizada nos cadernos polícia, com mensagens que em certa medida, moldam o comportamento do leitor, por exemplo, em relação a frequentar certos locais na capital paraense ou ao consumo de certos produtos mercantis. A economia do medo vai estimular o consumo de materiais ou serviços que possam proteger o cidadão contra a violência, como: carros blindados, cercas elétricas, alarmes, armas, grades entre outros.



Observamos nas análises das edições dos periódicos paraenses, que as notícias determinam ou ‘qualificam’ certos lugares como sendo “área vermelha”, “territórios sem lei”. A violência passa a ser materializada a partir das informações disponibilizados no caderno polícia, assim como a indicação dos locais periféricos em que os crimes foram cometidos. Nas narrativas construídas os corpos dos acusados são apresentados com as marcas de violência, com a intenção de mostrar a mensagem mediada por medo e que, em certa medida, passam a influenciar o comportamento de seus leitores.

Sendo produto jornalístico, a notícia, além de aparecer como objetiva e imparcial como alegam os cânones do jornalismo, também tem sua dimensão subjetiva. É através das práticas narrativas que elas [notícias] são construídas. Para Motta (2002), são um:

[...] sistema simbólico peculiar – situam-se entre a força atratora da história [...] e uma implícita narração quase ficcional desta mesma história. [isto implica que] a notícia lida fundamentalmente com a ambiguidade dos conflitos humanos, com as incertezas e as inseguranças do ser diante dos enigmas da humanidade e da natureza. [...] podendo aplacar ou exacerbar as angústias do ser humano. A linguagem das notícias possui, assim, modulações diversas, podendo resplandecer fantasias, sonhos, ilusões tanto quanto racionalidades objetivadas. Ela é, por natureza, uma linguagem complexa e contraditória, onde convivem complementariamente *mythos* e *logos*, independente da materialidade gramatical do texto pretensamente objetivo. [elas] são, de fato, fragmentos do real [...], ou seja, a serialidade das notícias sugere uma percepção narrativa da história, inspira a criação de uma consciência do fluxo do tempo histórico insinuada pelo fluir diário dos relatos dos fatos. (MOTTA, 2002, p.65-66).

Essa argumentação de Motta apresenta outra dimensão da notícia, dimensão subjetiva que provoca nos leitores efeitos emocionais que estimulam as fantasias, as imaginações, as utopias e desejos. Realidade presente nos cadernos de polícia dos jornais Diário do Pará, O Liberal e Amazônia Jornal nos quais as manchetes, os títulos e subtítulos se revertem de caráter ficcional e fantasioso com a finalidade de atingir o sensitivo dos leitores em prol de passar a mensagem através do medo. Nas tabelas abaixo constatamos como os jornais misturam o factual com o ficcional construindo e reconstruindo o medo que prepara o terreno onde será plantada a mensagem desejada por essas narrativas.

EDIÇÃO	MANCHETE	SUBTÍTULO	CARÁTER FICCIONAL
10/05/2012	Infrator morto aos 15 anos	Adolescente foi baleado na cabeça por dois homens que estavam em uma motocicleta.	“Estava preocupado e ansioso, como se



		Estava preocupado e ansioso, como se previsse seu fim trágico, e tentando mudar de vida.	previsse seu fim trágico, e tentando mudar de vida”.
30/10/2012	Executado ao sair de festa	Vítima ainda não identificada tentou escapar correndo dos matadores, mas foi encurralada e morta com quatro tiros. Tatuagem no braço com o nome “André” pode ajudar a identificação do jovem	“(…) tentou escapar correndo dos matadores, mas foi encurralada e morta com quatro tiros”.

**Tabela 01** – Narrativas de O Liberal

EDIÇÃO	MANCHETE	SUBTÍTULO	CARÁTER FICCIONAL
23/04/2012	“Justiceiro” mata um e esfaqueia outro	-----	“justiceiro”.
30/05/2012	“Clinica Geral” deveu, não pagou e foi direto pro “veneno”.	-----	“deveu, não pagou e foi direto pro ‘veneno””.

**Tabela 02** – Narrativas do Diário do Pará

EDIÇÃO	MANCHETE	SUBTÍTULO	CARÁTER FICCIONAL
21/05/2013	Pancadaria acaba em tiro	Arma de uma das vítimas matou dois que brigavam em festa na cremação	“Arma de uma das vítimas matou dois”.
24/06/2013	Assaltante leva a pior	Homem tentou roubar arma de Guarda Municipal e foi baleado na cabeça	Homem tentou roubar arma de Guarda Municipal e foi baleado na cabeça

**Tabela 03** – Narrativas do Amazônia

Constatamos assim, que os jornais ao misturar o factual com o ficcional, através do medo, constroem a ideia compartilhada segundo a qual, “o bandido bom é o bandido morto”, sem permitir de alguma maneira, a discussão ou reflexão sobre a violência que ocorre na sociedade paraense. Mesmo sendo vítima da violência, o periódico mostra que eles (acusados) mereciam morrer por fazer parte do mundo do crime.

As ‘tragédias’ e dramas cotidianos narrados pelos jornais se repetem numa mesma construção, ou seja, tráfico, morte e um corpo estirado na rua. Narrativas que levam a um ritual cotidiano de consumir freneticamente as notícias diárias, mesmo que estas contenham a mesma trama de ontem.

Para Motta (2002), as notícias são uma forma de transmissão cultural, na qual o fundamento é a reiteração. As histórias são as mesmas, recontadas diariamente com novas personagens e circunstâncias pelos jornais, revistas e telejornais. Esses rituais de



consumir notícias diárias para certas pessoas passam a ser parte integrante da sua rotina cronológica social.

Por exemplo, nas capas dos cadernos de polícia do Diário do Pará edições de 16 de abril de 2012 e 20 de setembro de 2012, nas quais se encontra a mesma história que relata como um determinado dia foi marcado por violência na sociedade. O que difere entre as duas edições são os contextos tempo-espacial nos quais se desenrola a narrativa, os personagens ou atores, etc.

A dimensão fictícia que as notícias têm, possibilita que os jornalistas fiquem a vontade na sua criatividade ao narrar os acontecimentos em prol de causar certos sentidos e emoções por parte da audiência. Utilizam ironias, preconceitos, estigmas e denominam os sujeitos envolvidos no mundo do crime. Essa aparente liberdade narrativa que os jornalistas têm levou Motta a:

Examinar [as] oscilações da linguagem jornalística e seus efeitos de sentido [nas] notícias de interesse humano [soft news ou fait divers] cujos enunciados se fundamentam na inusitabilidade do fato anunciado. O texto dessas notícias é mais leve, contamina-se do literário, a linguagem escorrega da objetividade para subjetividades, [...] Impregna-se de metáforas e pressuposições. Nessas situações, podemos observar melhor os efeitos cognitivos e simbólicos do jornalismo. (MOTTA, 2006, p.2)

Tal afirmação de que o caráter narrativo encontra-se só nas notícias de interesse humano originou uma crítica quase aguda de Albuquerque (2000) contra o pensamento de Motta no seu artigo “A Narrativa Jornalística para além dos Faits-Divers”.

Observamos que nos três jornais analisados as estratégias comunicacionais e estéticas utilizadas, aproveitam do potencial narrativo das notícias para narrar as tramas trágicas e dramáticas da vida cotidianas dos seus leitores com a finalidade de se aproximar da suposta “verdade” que causaria um determinado efeito de sentido sobre tal ou tal assunto política ou mercadológica na sociedade paraense.

Na tabela 04, percebemos como os impressos paraenses usam dispositivos comunicacionais tais como os apelidos, piadas, ironias, tratamento degradante, entre outros, para se aproximar do público consumidor dessas notícias, ou seja, através de uso do conhecimento partilhado para produzir o efeito de verossimilhança.



EDIÇÃO	CADERNO	PÁGINA	TÍTULO	DISPOSITIVOS COMUNICACIONAIS
30/04/2012	O LIBERAL	6	Jovem é liquidado com 12 facadas por marginais em Águas Lindas	Tratamento degradante: marginais
10/05/2012		2	Assaltante queria levar filha ao dentista	Ironia
31/05/2012		2	Trabalhador abre a porta da casa para o assassino	Ironia
30/05/2012	DIÁRIO DO PARÁ	5	“Índio” foi tomar uma “jurupinga” e levou o “pipoco”	Ironia
02/09/2012		7	Assaltaram lanchonete e tiveram vidas roubadas	Ironia
20/09/2012		6	Invadiu casa, “cantou de galo” e foi pro veneno	Ironia e uso de piada
22/05/2013	AMAZÔNIA JORNAL	47	“Papel” é apagado com 2 tiros	Uso de trocadilho e piada “Papel” e a ironia
24/06/2013		47	Flanelinha leva 8 facadas	Ironia
14/09/2013		41	Bandido morre em tiroteio	Tratamento degradante: Bandido

**Tabela 04** – Estratégias comunicativas das narrativas impressas

Podemos dizer que as narrativas das editoriais/cadernos polícia dos impressos paraenses nos relatam verdades resignificadas ou mediada da nossa cotidianidade. Ou seja, os jornalistas utilizam dispositivos comunicacionais linguísticos e extralinguísticos nas construções das realidades resignificadas ou mediadas que contam. Entre esses dispositivos, encontra-se, por exemplo, a construção das personagens principais da narrativa. Personagens que são “(...) atores que realizam coisas (funções) na progressão da história” (MOTTA, 2005, p. 7).

As histórias narradas nas narrativas policiais apresentam personagens que fazem coisas em torno das quais se constrói todas as narrativas sobre a violência. Por isso, para entender essa narrativa é preciso identificar o personagem principal do enredo, pois ele configura a própria narrativa. Na narrativa policial ou de violência, o personagem é centrado no corpo do acusado e nas ações cometidas por esse sujeito.

Para Motta, a análise pragmática da narrativa jornalística é um campo e um método de análise das práticas culturais jornalísticas. Busca entender como os



jornalistas e o público constroem significados através dos produtos midiáticos numa sociedade. Neste artigo, não fazemos uma análise pragmática como proposta por Motta, mas nos servimos das suas ideias centrais para entender o lugar ocupado pelo corpo ou acusado nas construções narrativas policiais sobre a violência.

O acusado é uma personagem principal nos cadernos de polícia dos impressos paraenses por apresentar um corpo acontecimento sobre o qual se constrói toda a narrativa sobre a violência. Entendemos que o corpo acontecimento é um corpo marcado de violência: sangue, feridas, balas, bandido, assaltante, marginal, canalha, entre outras características.

Corpo acontecimento é um corpo que a hegemonia da violência inscreve suas marcas para se corporificar como foi o caso da materialização da hegemonia do poder no corpo do Damians relatado por Foucault (1975) no “Vigiar e punir”. Ou, então, um corpo grotesco bakhtiano que sempre é inacabado, aberto e em perpétua construção:

[...] corpo em movimento. Ele jamais está pronto nem acabado: está sempre em estado de construção, de criação, e ele mesmo constrói outro corpo; [...] corpo [...] sem superfície fechada, [...] corpos [...] queimados no fogo, mutilados, esquartejados, cortados em pedaços, [...] corpo que excretava urina, matéria fecal, suor, mucos e bílis, [...] corpo histórico da humanidade em progresso [...] corpo [...] cósmico e universal. (BAKHTIN, 1987, p. 277-278-297-304-313-322).

Ou, um corpo Courtiniano, “corpo orgânico, de carne e sangue, corpo agente e instrumento de práticas sociais, corpo subjetivo, envoltório material das formas conscientes e das pulsões inconscientes”. (COURTINE, 2006, p. 10). Um corpo que o próprio acusado não reconheceria e poderia gritar como foi no campo de concentração relatado por Courtine (2009), que “meu corpo não é mais meu corpo” de fato de sua ‘fetichização’ pelo sofrimento e da sua exclusão na sociedade governada pela racionalidade capitalista de consumo.

É um corpo identificado em que o cultural e o social inscreve ambas, suas leis sobre sua superfície com o critério de “valor notícia” dos cadernos policiais paraenses. As narrativas policiais se apoderam para inscrever suas histórias e histórias da tragédia e drama humano. A mídia lapida graças às técnicas e procedimentos linguísticos e extralinguísticos, gráficos, estéticos, imagéticos, fotográficos, ideológicos, etc. para criar um corpo midiaticamente modificado capaz de possibilitar a venda dos outros produtos e possibilitar a comunicação ideológica e mercadológica da mídia.



Entendemos como afirma Bakhtin (1987, p. 273) que “o corpo humano [como] material de construção”. Nesse sentido, os jornalistas abusam do corpo do acusado para corporificar e objetivar suas narrativas de violência na sociedade paraense que, às vezes, os levam a estetizar ou tratar com sensacionalismo a temática violência nos cadernos.

Esse sensacionalismo não é para entreter, mas é como já foi dito acima, através da economia do medo, os impressos paraenses passam na sociedade uma mensagem seja política ou ideológica para alcançar seus objetivos mercadológicos como o constatou Rosa Nívea Pedroso (2001) no seu livro “A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista”.

O trabalho de análise tenta compreender/conhecer, mediante o esforço de reflexão, as condições de produção do discurso informativo reconhecido historicamente como sensacionalista. O referencial teórico de natureza semiológica procura explicar o modo como um jornal diário popularesco produz o discurso informativo sedutor e seus efeitos de reconhecimento e tenta indicar os elementos que são convocados/invocados na composição/criação da gramática discursiva empreendida por repórteres, editores, proprietários, anunciantes e leitores. Essa gramática discursiva, coletivamente construída, caracteriza-se pela reificação/exacerbação de modelos e arquétipos sociais e culturais, já fossilizados/sedimentados no imaginário social sobre a narrativa jornalística diária. (PEDROSO, 2001, p. 9).

Percebemos assim, que o sensacionalismo é um recurso potencial que os jornalistas utilizam para criar fantasias, utopias, imaginários sobre os quais, eles [jornalistas] vão construir suas narrativas.

Por exemplo, a utopia que já se fossilizou e sedimentou nas práticas discursivas e enunciativas jornalísticas e compartilhadas na sociedade segunda a qual “o bandido bom é o bandido morto” ou “a sociedade de bem” ou “cidadãos de bem”, que quase justifica as práticas violentas dos policiais sobre o acusado de um lado e do outro, o sensacionalismo com que os jornais paraenses tratam a temática de violência.

Discursivamente, percebemos que os impressos paraenses traduzem esta utopia através de títulos com as piadas ou palavrões que parecem profanar o corpo do acusado como foi profanado os corpos nas manifestações carnavalescas bakhtinianas. Veja na tabela abaixo:

EDIÇÃO	CADERNO	MANCHETE	ASPEADAS
23/04/2012	O LIBERAL	“Justiceiro” mata flanelinha	“Justiceiro”.



23/04/2012	DIÁRIO DO PARÁ	“Justiceiro” mata um e esfaqueia outro	“Justiceiro”.
22/05/2013	AMAZÔNIA JORNAL	“Papel” é executado	“Papel”.
30/05/2012	DIÁRIO DO PARÁ	“Clinica Geral” deveu, não pagou e foi direto pro “veneno”.	“Clinica Geral”.

**Tabela 05** – Construções imaginárias nos impressos

O recurso sensacionalista pelos impressos paraenses não é espontâneo, mas uma estratégia comunicacional e estética consciente que se aproveita da natureza humana de se entregar aos mitos, enfim construir suas narrativas que tentam explicar os acontecimentos do mundo dos seus leitores para passar seus ideais mercadológicos ou políticos.

Ao estetizar a violência na sociedade paraense através de um corpo acontecimento, os impressos paraenses tornam a tragédia dos outros como espetáculo hollywoodiano em forma de história em quadrinhos que a autora de “Diante da dor dos outros”, Susan Sontag (2003) nos alerta sobre o cinismo hegemônico da classe que tem os meios de produção capitalista transformam as tragédias e os dramas cotidianos vividos pelos excluídos do sistema em espetáculo:

Vivemos numa “sociedade do espetáculo”. Toda situação tem de ser transformar em espetáculo para ser real. Universaliza o modo de ver habitual de uma pequena população instruída que vive na parte rica do mundo, onde as notícias precisam ser transformadas em entretenimento. (SONTAG, 2003, p.92)

Ou com Costa (2010), ao afirmar:

Na relação entre os meios de comunicação de massa e os imaginários sociais, percebe-se que os “mass-mídia fabricam e emitem, com efeito, para além de informações sobre a atualidade transformada em espetáculo”, os imaginários sociais, as representações globais da vida social, dos seus agentes, instâncias e autoridades, os mitos políticos, os modelos formadores de mentalidades e de comportamentos, as imagens dos “leaders” (BAZCKO apud COSTA, A. C. S., 2010, P. 143).

Além de ter um corpo acontecimento, o acusado é o ator que faz ações contadas por jornalistas nos cadernos polícia como os atores hollywoodianos em torno dos quais se desenrola a trama fílmica determinada. O acusado é ele que rompe a paz que reina na sociedade quando viola sexualmente; rouba; assassina; usa drogas; é ele que rompe com

a normalidade cotidiana das coisas violando os direitos humanos das “pessoas de bem” ou cidadãos da “sociedade de bem” na qual, ele não tem direito de morar nem viver.

Nas histórias trágicas que os impressos nos contam diariamente, o acusado não goza dos direitos que a lei lhe concede antes de um julgamento por um juiz, porque não faz parte da “sociedade de bem”. Ou, de outro modo, o sensacionalismo nos cadernos busca se aproximar da verdade cotidiana no seu fazer jornalístico, corporificar a violência no corpo acontecimento para provar sua objetividade jornalística, pois, as notícias constroem personagem que de fato “não ser ela uma entidade puramente ficcional e arbitrária a gosto da criação do autor como ocorre na arte, mas produto de uma narrativa fática” (MOTTA, 2005, p. 7).

Essa busca de se aproximar da realidade observamos, ver Tabela 06, como os jornalistas nas suas narrações sobre a violência buscam cumprir em relação ao acusado, a exigência da objetividade jornalística respondendo algumas das perguntas clássicas do *lead*: onde? Quando? Quem? Como? O que? Por quê? O que?

EDIÇÃO	CADERNO	PÁGINA	TÍTULO	PERGUNTA RESPONDIDA DO LEAD
23/04/2012	OLIBERAL	6	Denúncias levam à prisão de casal de traficantes em Salinópolis	Como? O que? Quem? Por quê? Onde?
30/04/2012		4	Acusado de tráfico de cocaína é capturado em flagrante em Pirabas	Quem? Por quê? O que? Como? Onde?
23/04/2012	DIÁRIO DO PARÁ	3	Estuprador leva surra “Ciclone” foi preso em Castanhal	Quem? O que? Como? Onde? Por quê?
30/05/2012		3	Casal suspeito de matar usuária de drogas é preso	Quem? O que? Por quê? Como?
21/05/2013	AMAZÔNIA JORNAL	44	Bando impõe terror em abrigo	Quem? O que? Onde? Como?
22/05/2013		42	Casal comercializava drogas próximo a escola de Nova Esperança do Piriá	Quem? O que? Onde?

**Tabela 07** – O *lead* clássico

Constatamos assim, na construção comunicacional das narrativas sobre a violência dos cadernos polícia do Diário do Pará, O Liberal e Amazônia Jornal, a vítima não é um ator importante. Pois, a vítima não rompe o ordinário, ela [vítima] é só um número que se acrescenta aos outros já gravados nas ocorrências da polícia civil.



Mesmo morto, ferido, baleado, assaltado, roubado, violado sexualmente, agredido fisicamente, etc. o corpo da vítima não traz nada de novo, porque não tem o critério de “valor notícia” e como foram os sacrifícios gregos para seus deuses no *bomos* para o culto ou a propiciação, é sacrifício para curar a sociedade paraense das iniquidades causadas e materializa pela ação perversa e amaldiçoada do acusado que se apresenta como um sátiro que não morreu com o desaparecimento dos mitos com o advento discutível da hegemonia da razão na explicação do mundo.

### **Considerações Finais**

Esta busca frenética do estranho, do exótico, da miséria, do grotesco no corpo acontecimento, leva os impressos paraenses sempre a reservar um tratamento trivial da temática da violência que deixa o Pará como um lugar onde os homens estão mordidos todos os dias por cachorros, mesmo assim, o fato vira notícia.

Essa trivialidade do tratamento da temática violência nos cadernos polícia, nos leva a outra questão da recepção desses produtos violentos que saltam aos olhos na primeira leitura dos jornais impressos paraenses.

Ao disponibilizar mesmo de forma sensacionalista, a temática de violência nos cadernos polícia, analisamos que os jornais se transformam em aliados da massa e sua porta voz, que justificaria também o consumo das notícias cotidianas de violência, de um lado ou de outro, como uma maneira de se opor contra a banalização com a qual é tratada a sua realidade vivida e não só de consumir a violência por gostar de ver sangue, mortos, etc. todos os dias.

O lugar do acusado nas narrativas de violências dos impressos paraenses possibilitou entender que o acusado em si não é importante, mas seu corpo por apresentar critério de “valor notícia” que os impressos disponibilizam para corporificar a violência na sociedade, muitas vezes, quando querem chantagear politicamente os que definem as políticas públicas de segurança de um lado, e do outro, é importante para entender que ao apresentar grotescamente o corpo acontecimento nos cadernos polícia, os impressos paraenses não tratam a violência não como um problema de segurança pública, mas como um *fait divers* e mercadoria a vender através de um sensacionalismo mediático.

Analisamos também, que ao apresentar grotescamente o corpo do acusado nos cadernos polícia paraense, os editores não o fazem para uma utilidade pública de provocar debate público sobre a temática de violência na sociedade como que parece de



primeira vista, mas o fazem para promover suas ideias mercadológicas e políticas em prol de suas existências financeiras.

### Referências bibliográficas:

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da Notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ALBUQUERQUE, Afonso. A narrativa jornalística para além dos faits-divers. Disponível em <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/03/R5-Afonso-HP.pdf>> Acesso em 10 de jun. de 2014

CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História do corpo**. 3º Ed. V 3. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

COSTA, A. C. S., **O embate entre o visível e o invisível: a construção social da violência no jornalismo e na política**. Disponível em <<http://www.ppgcs.ufpa.br/arquivos/teses/teseTurma2005-AldaCosta.pdf>> Acesso em 20 de jun. de 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987, p. 419.

BECKER, Annette. Extermínios: O corpo e os campos de concentração. In: COURTINE, J. Jacques. **História do corpo**. 3º Ed. V 3. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 29º Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?id=43427>> Acesso em: 11 de jun. de 2014.

\_\_\_\_\_. **Explorações epistemológicas sobre uma antropologia da notícia**. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3187/2453>> Acesso em 11 de jun. de 2014.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente**. Disponível em <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/8/9>> Acesso em 12 de jun. de 2014.

\_\_\_\_\_. **Jogos semânticos, efeitos de sentido e ação cognitiva nas notícias**. Disponível em <<http://www.unicap.br/gtpsmid/pdf06/luiz-gonzaga-motta.pdf>> Acesso em 12 de jun. de 2014.

PEDROSO, R. N. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo, Annablume, 2001.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1990

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.